

Saúde do adulto indígena no Amazonas: Perspectivas socioculturais e estratégias de prevenção ao suicídio

Indigenous adult health in the Amazon: Sociocultural perspectives and suicide prevention strategies

Salud de los adultos indígenas en la Amazonía: Perspectivas socioculturales y estrategias de prevención del suicidio

Recebido: 10/11/2025 | Revisado: 15/11/2025 | Aceitado: 15/11/2025 | Publicado: 17/11/2025

Juliana Martins Falcão

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7982-5502>

Centro Universitário Fametro, Brasil

E-mail: julianamartins61@gmail.com

Maria Luiza Costa de Araújo

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2316-049X>

Centro Universitário Fametro, Brasil

E-mail: marialuizacosst@gmail.com

Bibiana Priscila Nunes Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-2207-6177>

Centro Universitário Fametro, Brasil

E-mail: bibianaprisila06@gmail.com

João Carlos Martins Tourinho

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6988-7811>

Centro Universitário Fametro, Brasil

E-mail: joaomartinstourinho20@gmail.com

Gigriele Marques da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9188-6334>

Centro Universitário Fametro, Brasil

E-mail: gigrielesophia@gmail.com

Pabloena da Silva Pereira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1027-1224>

Centro Universitário Fametro, Brasil

E-mail: pabloena.pereira@fatecamazonia.com.br

Francisco Cosme da Silva e Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7944-8171>

Centro Universitário Fametro, Brasil

E-mail: enf.cosme@outlook.com

Resumo

O projeto de extensão “Saúde do adulto indígena no Amazonas: perspectivas socioculturais e estratégias de prevenção ao suicídio” foi desenvolvido na Aldeia Kainã, em Manaquiri (AM), dentro do programa “Cuidar Amazônico”, voltado à promoção da saúde de populações indígenas e ribeirinhas. A ação teve como objetivo compreender e intervir de forma humanizada na saúde da Aldeia Kainã, pertencente à etnia Munduruku na prevenção do suicídio. Os acadêmicos de enfermagem do 6º período abordaram diferentes aspectos da saúde indígena. As atividades incluíram posto de enfermagem para coleta de dados e anamnese, rodas de conversa, oficinas educativas e uma encenação teatral sobre saúde da mulher, menopausa, contracepção e saúde mental. Houve ainda comemoração do Dia das Crianças, com doações e brincadeiras. O diálogo com a comunidade reforçou a importância da escuta ativa, do acolhimento emocional e da valorização dos saberes tradicionais, que fortalecem a identidade cultural e a prevenção em saúde mental.

Palavras-chave: Saúde Indígena; Enfermagem; Saúde Mental; Amazônica.

Abstract

The extension project “Indigenous Adult Health in the Amazon: Sociocultural Perspectives and Suicide Prevention Strategies” was developed in the Kainã Village, in Manaquiri (AM), within the “Caring for the Amazon” program, aimed at promoting the health of indigenous and riverside populations. The objective of the project was to understand and intervene in a humane way in the health of the Kainã Village, belonging to the Munduruku ethnic group, focusing on suicide prevention. Nursing students from the 6th semester addressed different aspects of indigenous health.

Activities included a nursing station for data collection and anamnesis, discussion groups, educational workshops, and a theatrical performance on women's health, menopause, contraception, and mental health. There was also a celebration of Children's Day, with donations and games. Dialogue with the community reinforced the importance of active listening, emotional support, and valuing traditional knowledge, which strengthens cultural identity and mental health prevention.

Keywords: Indigenous Health; Nursing; Mental Health; Amazonian.

Resumen

El proyecto de extensión "Salud del Adulto Indígena en Amazonas: Perspectivas Socioculturales y Estrategias de Prevención del Suicidio" se desarrolló en la aldea Kainã en Manaquiri, Amazonas, como parte del programa "Cuidar Amazónico", que promueve la salud de las poblaciones indígenas y ribereñas. La iniciativa tuvo como objetivo comprender e intervenir humanamente en la salud de la aldea Kainã, un grupo étnico Munduruku, para prevenir el suicidio. Estudiantes de enfermería de sexto año abordaron diversos aspectos de la salud indígena. Las actividades incluyeron una estación de enfermería para la recopilación de datos y anamnesis, grupos de discusión, talleres educativos y una obra de teatro sobre salud femenina, menopausia, anticoncepción y salud mental. También se celebró el Día del Niño con donaciones y juegos. El diálogo con la comunidad reforzó la importancia de la escucha activa, el apoyo emocional y la valoración de los conocimientos tradicionales, que fortalecen la identidad cultural y la prevención de la salud mental.

Palabras clave: Salud Indígena; Enfermería; Salud Mental; Amazónica.

1. Introdução

O suicídio entre povos indígenas tem sido um tema recorrente nas discussões sobre saúde pública no Brasil, principalmente na região amazônica, onde os índices são significativamente mais elevados do que na população não indígena (Ribeiro Alves, 2024; Bonfim de Souza et al., 2020). Para Souza e Lopes (2023), fatores como vulnerabilidade social, perda de territórios, enfraquecimento das políticas públicas de saúde e impactos da aculturação contribuem diretamente para o aumento dos casos. Além desses aspectos, é importante considerar o enfraquecimento das redes de apoio comunitário e das práticas culturais tradicionais, que historicamente desempenham papel essencial na manutenção do equilíbrio emocional e espiritual desses povos.

A ausência de políticas interculturais de saúde mental e a dificuldade de acesso a serviços especializados agravam ainda mais o quadro, evidenciando a necessidade de estratégias de cuidado que respeitem as especificidades socioculturais e espirituais das comunidades indígenas (Pereira, Golden e Bitencourt, 2021).

Segundo a FIOCRUZ (2023), o suicídio entre jovens indígenas no Amazonas e Mato Grosso do Sul vem crescendo nos últimos anos, revelando um cenário preocupante de sofrimento mental e desassistência. De acordo com a Agência Brasil (2023), mais de 500 indígenas tiraram a própria vida entre 2018 e 2022, o que reforça a necessidade de ações voltadas à prevenção e promoção da saúde mental em contextos interculturais.

Nesse sentido, a enfermagem desempenha um papel fundamental na promoção da saúde e prevenção de agravos, atuando como elo entre o saber científico e os conhecimentos tradicionais dos povos originários. Conforme (Castro et al., 2025; Silva, 2024; Souza, 2023), o profissional de enfermagem contribui para a construção de práticas culturalmente sensíveis, respeitando os modos de vida, crenças e valores dessas populações. Sua atuação envolve a escuta qualificada, a educação em saúde e o fortalecimento do protagonismo comunitário, elementos essenciais para a promoção do bem-estar coletivo e a redução das desigualdades em saúde. Dessa forma, a enfermagem torna-se agente transformador, promovendo o diálogo intercultural e garantindo que as políticas públicas sejam aplicadas em toda a forma assistencial a cada tipo de complicação, equitativa e humanizada nos territórios indígenas.

O objetivo do presente artigo é compreender e intervir de forma humanizada na saúde da Aldeia Kainã, pertencente à etnia Munduruku na prevenção do suicídio.

2. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa de natureza mista: em parte de pesquisa social realizada com entrevistas e questionários em pessoas, em parte descritiva, de natureza qualitativa e quantitativa e reflexiva (Pereira et al., 2018), e parte do tipo relato de experiência (Gaya & Gaya, 2018), com uso de estatística descritiva simples com uso de gráficos de barras, classes de dados por sexo, nível de escolaridade e outros e, com uso de valores de frequência absoluta e frequência relativa porcentual (Shitsuka et al., 2014). A ação foi realizada na Aldeia Kainã, localizada no município de Manaquiri – AM, com a participação de acadêmicos de Enfermagem e docentes, como parte do programa “Cuidar Amazônico: ações integradas de saúde às populações indígenas e ribeirinhas”.

Figura 1 – Trajeto para Aldeia Kainã.



Fonte: Acervo dos Autores, (2025).

Para acessar a comunidade os extensionistas viajaram aproximadamente 15 minutos de lancha do Porto CEASA em Manaus-Am até o município de Careiro da Várzea, Amazonas. Encontraram-se com o ônibus que levou até o município de Manaquiri, Amazonas com aproximadamente 2 horas de viagem. No último trajeto, com acesso por embarcação até a comunidade indígena, Manaquiri fica a 60km da capital Manaus-Am.

De acordo Santos et al., (2021); Lima; Barros; Silva (2020), estudos com populações indígenas recomenda o uso de instrumentos adaptados cultural e linguisticamente, priorizando a escuta ativa e o diálogo intercultural. Assim, foi elaborado um questionário semiestruturado, aplicado durante a anamnese de rotina no posto de enfermagem, contendo questões sobre aspectos sociodemográficos. Essa formulação segue recomendações de pesquisas que indicam a necessidade de linguagem simples e empática para abordar temas sensíveis como sofrimento psíquico e prevenção ao suicídio (Souza; Cunha, 2022).

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas presenciais, conduzidas em português e, quando necessário, com apoio de agentes de saúde indígenas para tradução e mediação cultural. Essa estratégia é amplamente utilizada em estudos com povos tradicionais, garantindo compreensão adequada e respeito às especificidades culturais (Ferreira et al., 2019).

Além da aplicação do questionário, foram desenvolvidas rodas de conversa, oficinas educativas e encenações teatrais, abordando tema saúde mental, integrando saberes científicos e tradicionais. Também foi realizada uma ação lúdica em comemoração ao Dia das Crianças, fortalecendo o vínculo entre equipe e comunidade.

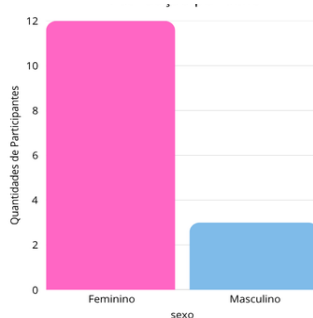
A metodologia seguiu os princípios éticos de pesquisa com populações tradicionais, assegurando o consentimento livre e esclarecido, a confidencialidade das informações e o retorno dos resultados à comunidade participante, conforme orientações da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e com as autorizações pelo Conselho Distrital de Saúde Indígena de Manaus no Ofício nº 445/2025/CONDISI/DSEI/MANAUS.

3. Resultados e Discussão

Os resultados apontam que a saúde mental dos indígenas Munduruku está fortemente ligada aos aspectos sociais, culturais e espirituais da comunidade. Observou-se que o fortalecimento dos vínculos familiares, das tradições e da espiritualidade atua como fator protetivo diante do sofrimento psíquico. Segundo Ribeiro Alves (2024), a perda de território e de identidade cultural tem contribuído para o aumento das lesões autoprovocadas, enquanto Souza e Lopes (2023), destacam o impacto social do suicídio e a necessidade de espaços de diálogo comunitário.

A pesquisa sociodemográfica realizada na Aldeia Kainã, pertencente à etnia Munduruku, evidenciou um predomínio da participação feminina nas atividades de saúde (Gráfico 1), totalizando 12 mulheres e 3 homens. Esse resultado reflete a relevância do protagonismo feminino nas ações comunitárias e nas práticas de cuidado, uma vez que as mulheres indígenas exercem papel central na manutenção da saúde familiar e na transmissão dos saberes tradicionais.

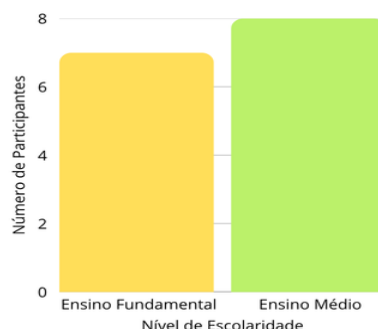
Gráfico 1 - Distribuição por sexo dos comunitários.



Fonte: Elaborado pelos extensionistas (2025).

No que se refere à escolaridade, verificou-se que sete participantes concluíram o Ensino Fundamental e oito possuem o Ensino Médio, evidenciando um avanço gradual no acesso à educação formal entre os indígenas. Contudo, ainda persistem desafios quanto à permanência e continuidade dos estudos, influenciados por fatores geográficos e socioculturais. A distribuição por nível de escolaridade demonstra essa proporção, enquanto a média de idade por sexo revela que as mulheres apresentam média de 34,2 anos e os homens, de 40,6 anos, indicando uma leve diferença na faixa etária entre os grupos. Destaca-se a participante P02, do sexo feminino, com 13 anos e Ensino Fundamental, a mais jovem da amostra, o que reflete a representatividade de diferentes faixas etárias no estudo (Gráfico 2).

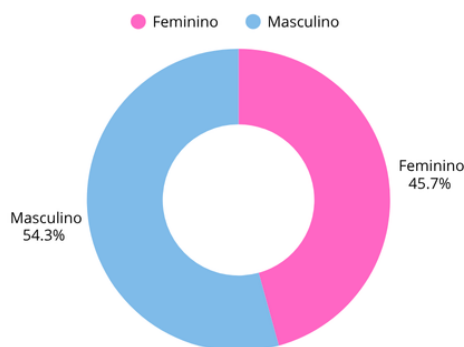
Gráfico 2 - Distribuição por escolaridade dos indígenas.



Fonte: Elaborado pelos extensionistas (2025).

A média etária foi de 34,2 anos para o público feminino e 40,6 anos para o masculino, evidenciando uma participação diversificada quanto à idade, o que favorece o diálogo intergeracional e amplia o alcance das ações educativas em saúde. O Gráfico 3, de distribuição por sexo, mostra o número de participantes do sexo feminino e masculino, evidenciando o predomínio feminino (12 mulheres e 3 homens).

Gráfico 3 - Média de idade por sexo.



Fonte: Elaborado pelos extensionistas (2025).

A análise do perfil de saúde e condições crônicas revelou que oito participantes relataram possuir doenças crônicas, enquanto sete negaram essa condição. Verificou-se, entretanto, que sete indígenas fazem uso regular de medicação prescrita, o que demonstra adesão parcial ao tratamento, enquanto outros ainda enfrentam dificuldades quanto à automedicação e ao uso adequado de medicamentos (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Perfil de saúde e condições de DCNT dos indígenas Munduruku.



Fonte: Elaborado pelos extensionistas (2025).

Além disso, onze participantes relataram sintomas frequentes, como cefaleia, dores articulares e lombares, o que pode estar relacionado às condições laborais e ao acesso limitado aos serviços de saúde. Esses dados indicam a necessidade de fortalecimento da atenção primária e de práticas educativas contínuas voltadas à prevenção de agravos e ao autocuidado. A seguir, o Gráfico 5 apresenta dados sobre queixas da comunidade indígena:

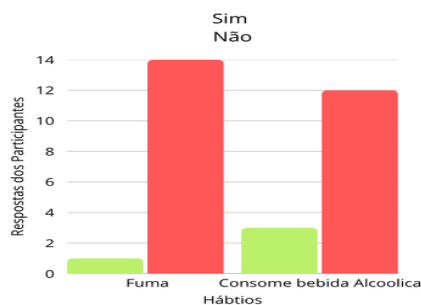
Gráfico 5 - Queixas sintomatológicas dos comunitários indígenas.



Fonte: Elaborado pelos extensionistas (2025).

No que tange ao comportamento de risco que mostra no Gráfico 6, identificou-se baixa prevalência de hábitos nocivos, sendo apenas um participante usuário de tabaco e três relatando consumo ocasional de bebidas alcoólicas. Esse cenário positivo demonstra uma cultura de moderação e cuidado, associada à influência dos valores comunitários e espirituais da aldeia. A baixa incidência de comportamentos de risco pode estar diretamente relacionada às práticas tradicionais de autocontrole, à espiritualidade e ao senso coletivo de responsabilidade com o corpo e a natureza.

Gráfico 6 - Comportamento de hábitos de Risco.



Fonte: Elaborado pelos extensionistas (2025).

Sob o aspecto preventivo, o estudo revelou baixa prevalência de comportamentos de risco, como tabagismo e etilismo, além de uma adesão significativa às práticas espirituais e comunitárias. Bonfim de Souza et al., (2020), destacam que a religiosidade e o pertencimento cultural funcionam como barreiras de proteção contra o suicídio, reforçando a importância de políticas públicas voltadas à manutenção das tradições indígenas. Secundino et al., (2024), complementam que o etilismo, quando presente, está frequentemente relacionado à perda de vínculos culturais e ao enfraquecimento das lideranças tradicionais, o que não foi predominante na aldeia estudada.

Do ponto de vista promocional, a ação extensionista proporcionou atividades educativas, rodas de conversa e dinâmicas de integração que estimularam o autocuidado e o diálogo sobre saúde mental. As oficinas e encenações teatrais promoveram a expressão emocional e o resgate de valores coletivos, elementos que, segundo Pereira et al., (2023), são eficazes na prevenção de tentativas de suicídio (Figura 2). A Fiocruz (2023) e a Agência Brasil (2023), reforçam que a escuta ativa e o acolhimento comunitário são estratégias fundamentais para reduzir os casos de suicídio entre indígenas do Amazonas, especialmente entre jovens. Dessa forma, a abordagem participativa adotada na Aldeia Kainã alinhou-se às diretrizes contemporâneas de promoção da saúde mental intercultural.

Figura 2 - Encenação Teatral, abordando o tema saúde mental.



Fonte: Acervo dos extensionistas (2025).

Nas demandas e aspirações da comunidade, foi possível identificar o desejo de continuidade das ações de saúde mental, especialmente voltadas à juventude. A Agência Brasil (2023) registra que, entre 2018 e 2022, 535 indígenas tiraram a própria vida, destacando a urgência de programas permanentes de acompanhamento. A Fiocruz (2023), acrescenta que o aumento dos índices de suicídio entre jovens indígenas reflete não apenas questões emocionais, mas também a crise de

identidade e a desvalorização cultural provocadas pela aculturação. Roda de conversa se torna essencial, para estimular o pensamento crítico e o acolhimento de diferentes perspectivas, fortalecendo vínculos e gerar aprendizados coletivos (Figura 3).

Figura 3 - Roda de Conversas.



Fonte: Acervo dos extensionistas (2025).

Quanto à minimização e resolução dos problemas encontrados, o estudo evidenciou que o diálogo intercultural e a presença constante das equipes de enfermagem representam caminhos concretos para o enfrentamento da crise de saúde mental nas aldeias. O Instituto Socioambiental (2025), destaca o plano de prevenção ao suicídio em São Gabriel da Cachoeira (AM) como exemplo de política pública sensível à cultura indígena, modelo que pode ser replicado em outras comunidades. Além disso, dos Santos Goetten et al., (2025) e Orellana, Basta e Souza (2013), mostram que as ações integradas de saúde mental, educação e assistência social reduzem a mortalidade por suicídio em regiões com alta concentração indígena.

Diante disso, simbolizando o compromisso com a extensão universitária e o acesso às comunidades amazônicas, a equipe de acadêmicas de Enfermagem durante o trajeto fluvial para a Aldeia Kainã, em Manaquiri (AM), e representando o acolhimento do povo Munduruku e o início das ações de saúde, sob o portal “Seja Bem-Vindo Aldeia Kainã”. A Figura 4, refletem o engajamento dos estudantes na promoção da saúde indígena, com respeito à cultura local e valorização dos saberes tradicionais.

Figuras 4 - Turma do 6º período de Enfermagem, prof.^a Pabloena Pereira e o Cacique da aldeia Tocante.



Fonte: Acervo dos extensionistas (2025).

De modo geral, os resultados reafirmam que a saúde do adulto indígena está intrinsecamente ligada aos aspectos socioculturais e espirituais. A compreensão desses determinantes permite que a enfermagem atue de maneira culturalmente sensível, fortalecendo o vínculo entre o cuidado técnico e os saberes tradicionais, essenciais para a prevenção do sofrimento mental e do suicídio entre os povos indígenas amazônicos.

4. Considerações Finais

O desenvolvimento do projeto de extensão “Saúde do adulto indígena no Amazonas: perspectivas socioculturais e estratégias de prevenção ao suicídio” proporcionou uma vivência transformadora, pautada na escuta ativa, no respeito intercultural e na valorização do saber ancestral. A experiência demonstrou que as ações de enfermagem, quando fundamentadas na humanização e na sensibilidade cultural, podem promover o fortalecimento da identidade indígena e contribuir para a prevenção de agravos à saúde mental.

Os resultados obtidos evidenciaram o protagonismo feminino nas ações comunitárias, o avanço gradual da escolarização e o predomínio de hábitos de vida saudáveis entre os participantes, fatores que se configuram como potenciais de proteção diante do sofrimento psíquico. Observou-se, ainda, a necessidade de ampliar o acesso a serviços de saúde, especialmente para acompanhamento de doenças crônicas e prevenção de sintomas recorrentes.

Conclui-se que a atuação da enfermagem em comunidades indígenas requer uma abordagem dialógica e participativa, que reconheça a pluralidade de saberes e respeite as especificidades culturais. A integração entre conhecimento científico e práticas tradicionais é o caminho para a construção de estratégias efetivas de promoção da saúde mental e de prevenção ao suicídio entre os povos originários, fortalecendo, assim, o compromisso ético e social da formação acadêmica em enfermagem.

Referências

- Agência Brasil. (2023, julho). *Em quatro anos, 535 indígenas tiraram a própria vida*. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2023-07/em-quatro-anos-535-indigenas-tiraram-propria-vida>
- Agência Fiocruz. (2023, setembro). *Estudo aponta aumento de suicídio entre jovens indígenas no AM e no MS*. Fiocruz Amazônia. <https://fiocruz.br/noticia/2023/09/estudo-aponta-aumento-de-suicidio-entre-jovens-indigenas-no-am-e-no-ms>
- Alves, M. R., Oliveira, F. L., & Santos, G. P. (2024). *Lesões autoprovocadas em indígenas residentes no estado do Amazonas, Amazônia brasileira, 2010-2021*. Cadernos UniFOA, 19(54), 1–12.
- Castro, N. J. C., Paes, F. T., & Silva, K. C. C. (2025). *Processo de enfermagem em um serviço de atenção à saúde de povos indígenas: Desafios e práticas*. Enfermagem em Foco, 29, e20250041. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2025-0041en>
- De Souza, I. B., & De Souza Lopes, G. (2023). *Saúde mental indígena: O impacto social do suicídio na comunidade*. Revista Contemporânea, 3(12), 29854–29871.
- Dos Santos Goetten, I. F., Ribeiro, J. S., & Almeida, L. C. (2025). *Análise de óbitos por suicídio no estado do Amazonas e sua relação com a pandemia de COVID-19*. Brazilian Journal of Health Review, 8(1), e76875–e76875.
- Holanda, V. M. de S. (2023). *Assistência de enfermagem à saúde das populações indígenas: Revisão de escopo*. Cogitare Enfermagem, 28, e88372. <https://doi.org/10.1590/ce.v28i0.88372>
- Instituto Socioambiental. (2025). *São Gabriel da Cachoeira (AM) lança plano de prevenção ao suicídio*. ISA.
- Gaya, A. C. A & Gaya, A. R. (2018). *Relato de experiência*. Editora CRV.
- Orellana, J. D. Y., Basta, P. C., & Souza, M. L. P. (2013). *Mortalidade por suicídio: Um enfoque em municípios com alta proporção de população autodeclarada indígena no Estado do Amazonas, Brasil*. Revista Brasileira de Epidemiologia, 16, 658–669.
- Pereira, R. S., Gomes, C. A., & Almeida, D. T. (2023). *Tentativa de suicídio em indígenas no estado do Amazonas, Brasil*. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 23(10), e14860–e14860.
- Pereira, P. M. B., Goldim, M. P. S., & Bitencourt-More, R. M. (2021). *O suicídio em indígenas da Amazônia brasileira: Revisão sistemática da literatura*.
- Pereira, A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. [free ebook]. Santa Maria. Editora da UFSM. Revista da AMRIGS, 65(3), 221–232.

Shitsuka, R. et al., (2014). *Matemática fundamental para tecnologia*. (2ed). Editora Érica.

Secundino, F. K. M., Costa, V. F., & Lima, R. A. (2024). *Impactos comportamentais associados ao etilismo nas etnias do Amazonas: Uma revisão sistemática da literatura*. *Psicologia e Saúde em Debate*, 10(2), 439–452.

Silva, D. P. M. da. (2024). *O olhar da enfermagem para a saúde dos povos originários*. *Acervo Mais*, 3(1), 1–10. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2025-0041en>

Souza, A. C. de. (2023). *A enfermagem e o cuidado intercultural: Experiência em comunidade indígena*. *Novos Desafios em Saúde*, 5(2), 45–58. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2025-0041en>

Souza, R. S. B. de, Oliveira, A. M., & Farias, E. P. (2020). *Suicídio e povos indígenas brasileiros: Revisão sistemática*. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 44, e58.